DOI: https://www.doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcso.2020.179832

Os subcampos especializados do jornalismo[1]

The specialized subfields of journalism

Dominique Marchetti[a]

Traduzido por Pedro Serra[b]

Este artigo faz um balanço inicial de pesquisas realizadas desde a primeira metade da década de 90 e das perspectivas de pesquisa destinadas a elucidar uma série de transformações do campo jornalístico francês. Este trabalho cumulativo só é possível hoje porque muitas pesquisas sobre jornalistas especializados foram conduzidas na França[2], provavelmente o campo de pesquisas em que a sociologia do jornalismo mais avançou na França desde os anos 80. Trabalhos anglo-saxões também se desenvolveram nesta área, ainda que não tenham a dimensão do estudo pioneiro de Jeremy Tunstall, publicado em 1971. Não se trata, aqui, de pretender sintetizá-los, mas antes de tentar combinar nossos próprios resultados com outros e oferecer pistas para a comparação desses subespaços especializados do campo jornalístico.

A noção de campo permite restituir, a um só tempo, o que faz a unidade e a diversidade desse espaço de produção. Com efeito, a fim de compreender a posição de um veículo de mídia[3] ou de um jornalista, é preciso analisar a posição que ele

1 Referência para o artigo original: MARCHETTI, Dominique. Les sous-champs spécialisés du journalisme, *Réseaux*, n. 111, p. 22-55, 2002.

a Sociólogo, diretor de pesquisas no CNRS (CESSP) - Centre National de la Recherche Scientifique (Centre Européen de Sociologie et de Science Politique), leciona sociologia na EHESS (École des Hautes Études en Sciences Sociales), Sciences-Po Rennes e Sciences-Po Toulouse. e-mail: dominique.marchetti@cnrs.fr

b Graduado em Ciências Sociais e Econômicas pelo Institut Catholique de Paris, mestre em Estudos Internacionais pela Sorbonne Nouvelle – Paris III, doutor em Sociologia pela USP. e-mail: ppserra@gmail.com

2 Jornalistas especializados em questões educacionais foram o tema do primeiro estudo específico sobre o assunto (PADIOLEAU, 1976), mas foi principalmente o jornalismo político que foi tratado por pesquisadores de ciências sociais: veja os trabalhos de Patrick Champagne, Eric Darras, Erik Neveu e Rémy Rieffel citados na bibliografia. Podemos citar também trabalhos que tratam de outras especialidades, o jornalismo econômico (DUVAL, 2000; LESELBAUM, 1980 e RIUTORT, 2000) esportivo (DARGELOS; MARCHETTI, 2000; MARCHETTI, 1998), judicial (CHARON, 2000; CIVARD-RACINAIS, 2000; LENOIR, 1992, 1994 e 1997; MARCHETTI, 2000), social (LEVEQUE, 2000) ou ainda médico e científico (CHAMPAGNE; MARCHETTI, 1994; MARCHETTI, 1997; TRISTANI-POTTEAUX, 1997).

3 N.T. No Brasil, "a mídia" corresponde semanticamente à expressão "the media" em inglês, e refere-se, grosso modo, ao conjunto dos meios de comunicação. Em francês, o termo média, no singular, refere-se a um veículo de comunicação, ou seja, uma revista, um jornal, ou um canal de televisão, por exemplo. O termo, no singular, foi portanto traduzido como "veículo" ou "veículo de mídia". Quando se trata de referir-se ao conjunto dessas empresas, usa-se, em francês, o plural "les médias", que traduzimos como "as mídias".

CC BY NC SA

ocupa dentro do campo como um todo, ou seja, também dentro dos subespaços desse universo que entretêm relações entre si e funcionam, de certa maneira, como microcosmos. Os tipos de veículos de mídia (canais de notícias 24 horas ou revistas de informações gerais[4] por exemplo), as redações e as especialidades jornalísticas (no sentido temático do termo[5]) constituem subcampos relativamente autônomos[6], que devem suas propriedades à posição que ocupam no campo jornalístico, submetendo-se às atrações e repulsões dos universos sociais que cobrem. Foi somente nos vários subuniversos especializados do jornalismo que nos detivemos para tentar estabelecer um primeiro trabalho de comparação[7]. Que nos parece tanto mais importante quanto o campo jornalístico é cada vez mais heterogêneo, em particular devido ao desenvolvimento sem precedentes da informação especializada[8], e que obviamente não trava as mesmas relações com os diferentes espaços sociais cujas atividades ele relata. É por isso que a própria expressão de jornalista especializado não faz muito sentido se for usada de forma muito geral.

Antes de iniciar uma comparação, é preciso mostrar como o campo jornalístico se estrutura em torno de uma oposição entre um polo "generalista" e um polo "especializado", como, em particular, o grau de especialização varia de acordo com os suportes e os jornalistas. Nesse sentido, as recentes transformações no recrutamento e seus efeitos nas lutas para definir a excelência jornalística demonstram o peso crescente do polo especializado. Em seguida, buscamos comparar as propriedades de diversos subcampos especializados a partir de seis variáveis principais: a posição ocupada dentro do campo jornalístico, a estrutura das relações

4 N.T. No original: newsmagazines.

5 Evocaremos, mas de maneira menos sistemática, a especialização geográfica, ou seja, as diferentes posições de jornalistas responsáveis por cobrir uma zona determinada – jornalistas locais e correspondentes no exterior, por exemplo.

6 Essa noção pretende simplesmente mostrar que esses são subespaços relacionais que funcionam como campos em miniatura. Se, por um lado, eles são relativamente autônomos, por outro lado, o que ali ocorre depende das lógicas de funcionamento do campo jornalístico e das relações com os espaços midiatizados.

7 Diversas rubricas existentes nos jornais diários nacionais e regionais, como os faits divers, a crônica judicial e literária, a política ou os esportes, foram criados no final do século XIX e no início do século XX. Mas boa parte delas foram criadas ou desenvolvidas entre o final da década de 1940 e os anos 1970. É o caso, por exemplo, da informação agrícola ou econômica e, posteriormente, da informação sobre a saúde, as mídias e a comunicação, ou ainda o meio ambiente. Portanto, a história das diversas imprensas especializadas varia bastante.

8 N.T. Por vezes, o termo "information" em francês corresponde a "jornalismo" em português. O departamento de jornalismo de uma emissora de televisão, por exemplo, é chamado de departamento de informação, em francês. De forma similar, a produção das especialidades jornalísticas são frequentemente referidas como tipos distintos de "informação"; "informação econômica" para designar a produção do domínio de atividades do jornalismo econômico, por exemplo. Portanto, no caso de "informação especializada", poder-se-ia optar pela tradução "jornalismo especializado". Contudo, optamos, por manter a tradução literal a fim de preservar a distinção entre um domínio específico de atividades (jornalismo especializado) e sua produção (informação especializada).

internas de poder para explicar como o peso de diferentes mídias na produção da informação especializada variam de uma especialidade para outra, o grau e as formas de concorrência e colaboração, a circulação de jornalistas especializados no mercado de trabalho jornalístico, as propriedades dos jornalistas e os mecanismos de socialização profissional. Por fim, mostramos que a comparação dos jornalismos especializados deve se basear não apenas nas lógicas internas do campo jornalístico, mas também no estado de suas relações com os diferentes espaços sociais que ele midiatiza. Este trabalho comparativo entre os diferentes subuniversos especializados do jornalismo e os espaços sociais correspondentes organiza-se por meio da análise de quatro variáveis principais: o grau de inter-relação entre suas respectivas economias, o grau de controle político das atividades, o grau em que uns ou outros impõem suas problemáticas e seus princípios de hierarquização, bem como as propriedades sociais dos jornalistas e de seus interlocutores.

DOS "GENERALISTAS" AOS "ESPECIALISTAS": UM PRINCÍPIO DE ESTRUTURAÇÃO DO CAMPO JORNALÍSTICO

A articulação do campo jornalístico em torno de dois polos "generalista / especialista" recorre, por um lado, às propriedades do público (e, portanto, às funções bastante diferentes que os grupos sociais atribuem à leitura de jornais, por exemplo[9]) aos quais se dirigem os veículos de mídia e os jornalistas e, por outro lado, às propriedades dos próprios veículos e dos jornalistas. No âmbito deste artigo, é o segundo aspecto que é privilegiado, mas ele está vinculado ao primeiro, ou seja, às transformações do público e de seus estilos de vida. A fim de melhor compreender esses fenômenos[10], devemos examinar, como fez Pierre Bourdieu, a "orquestração objetiva" das lógicas do "campo de produção, mas também o campo de consumo", que será mencionado muito secundariamente[11]. Esta oposição "especialista"/"generalista" é obviamente apenas um dos eixos do espaço jornalístico, na medida em que sabemos que, historicamente, ele se articula em torno dos polos "intelectual" e "comercial", como mostra, por exemplo,

9 Bourdieu, 1979, p. 515 e seguintes.
10 Essa dimensão é provavelmente a mais importante, mas também a menos estudada. Estudos em jornalismo econômico e médico mostraram como transformações externas essenciais no espaço jornalístico, como o aumento do nível médio de educação, são essenciais para entender o surgimento de tópicos e mídias temáticas.
11 Bourdieu, 1979, p. 255.

a oposição dentro da imprensa generalista "grande público" entre o leitorado da imprensa nacional e regional[12,13].

Essa articulação está relacionada aos públicos, mas também às características dos produtores de informação. O grau de especialização dos produtores varia fortemente, por exemplo, conforme o tipo de suporte (generalista/especializado, audiovisual/imprensa, redações pequenas/grandes), as especialidades[14] e a posição que estas ocupam dentro das hierarquias internas das redações. Assim, para usar apenas o exemplo dos veículo de informação "grande público", quanto mais nos deslocamos das redações de maior porte da imprensa diária nacional ou regional para os veículos audiovisuais ou os veículos generalistas que possuem pequenas estruturas, mais o número de editorias ou de jornalistas especializados tende a ser escasso. Muitas vezes, encontramos perfis de jornalistas que se tornaram "especialistas" depois de alguns anos, após terem passado por editorias generalistas ("Local", "Informações gerais", etc.), ou ainda "especialistas" muito relativos pois eles ficam muito pouco tempo na mesma rubrica. Nos veículos especializados, quanto mais eleva-se na hierarquia de cargos, maior a tendência de encontramos jornalistas "generalistas". Para entender ainda mais precisamente o grau de especialização dos suportes e dos jornalistas, podemos estudar a mobilidade dos profissionais dentro do campo jornalístico. Enquanto alguns deles têm uma mobilidade interna, no sentido de permanecerem no mesmo suporte ou em suportes de uma mesma especialidade (ciências[15], esporte[16], etc.), outros circulam entre mercados de trabalho passando de um veículo especializado para um veículo generalista (ou vice-versa).

O RECRUTAMENTO COMO REVELADOR DA ESTRUTURA

Mas, para além dessa descrição da estruturação do campo jornalístico, é necessário descrever suas recentes evoluções. As transformações do recrutamento[17] são

12 Dumartin; Maillard, 2000.

13 N.T. O caráter estruturante desta oposição imprensa nacional/imprensa regional revela-se um traço diferencial do campo jornalístico francês quando pensado comparativamente com o caso brasileiro. Com efeito, devido ao menor peso relativo que têm os jornais regionais brasileiros, esta oposição não é tão estruturante quanto no caso francês.

14 Por exemplo, alguns tópicos são destinados a públicos relativamente especializados. O caso da atualidade europeia é um deles, conforme sintetiza Gérard Lignac, chefe das Dernières Nouvelles d'Alsace, a respeito do lançamento de La Quinzaine européenne, um suplemento que trata dessas questões. "A idéia de torná-lo um jornal grande público era totalmente irrealista. A Europa é um assunto infinitamente especializado, mesmo que esse tema possa realmente atingir o maior número. A idéia não era idiota, desde que se fizesse uma publicação especializada." "Les DNA lancent un supplément européen", Le Figaro Economie, 25 de outubro de 2001.

15 Ristani-Potteaux, 1997, p. 26.

16 Dargelos ; Marchetti, 2000, p. 83-85.

17 As transformações morfológicas do grupo profissional nas últimas duas décadas estão relativamente bem estabelecidas: crescimento das matrículas (+ 60% e + 20%, respectivamente, nas

provavelmente a melhor maneira de examinar isso. A chegada massiva de jovens jornalistas nas décadas de 1980 e 1990 foi marcada por um duplo movimento que correspondeu à reestruturação do mercado corporativo: por um lado, o aumento no número de jornalistas que poderiam ser descritos como "generalistas versáteis" no sentido de que eles podem trabalhar para diferentes veículos e/ou executar tarefas muito diversas ou até mesmo cobrir vários setores de atividade; por outro lado, um fenômeno ainda mais importante da expansão dos jornalistas cada vez mais especializados e "experts", que seguiram cursos de ensino superior às vezes prolongados e muito especializados.

Conseguimos descrever esse movimento de "profissionalização" relativa[18] através dos principais requisitos postos por empregadores de veículos bastante diversos[19]. Os veículos mais generalistas procuram, em primeiro lugar, jornalistas imediatamente "operacionais", ou seja, formados para um certo número de práticas e técnicas. O aumento da participação de diplomados pelas oito escolas de jornalismo credenciadas nas principais redações é uma boa indicação disso. Enquanto eles representam apenas 12% de todos os jornalistas detentores de carteira profissional em 1999, sua proporção está aumentando nas equipes das redações generalistas, geralmente as mais prestigiosas, como as televisões nacionais e a imprensa diária nacional, algumas recrutando quase exclusivamente apenas jovens jornalistas egressos desses cursos[20]. A segunda competência profissional valorizada por muitos empregadores é a capacidade de ser um jornalista versátil e generalista, ou seja, de gozar de uma "cultura geral", de um "espírito de síntese" adquirido durante estudos superiores relativamente elevados (frequentemente

---

décadas de 1980 e 1990), aumento do capital educacional, feminização, rejuvenescimento, status precário (Devillard et al., 2001). Esses dados gerais da Commission de la Carte d'Identité des Journalistes Professionnels permanecem, contudo, imperfeitas em muitos aspectos, pois não levam em consideração as variáveis de origem social e de especialização.

18 As aspas servem para mostrar que esse movimento, que poderia ser considerado um aumento da autonomia do campo jornalístico, manifesta ao mesmo tempo uma intensificação das dependências econômicas.

19 Nós nos baseamos principalmente em uma pesquisa coletiva realizada em 1999 e 2000 e também em nossa contribuição no que diz respeito às condições de entrada no mercado de trabalho jornalístico. Parte das entrevistas utilizadas nesta pesquisa foi conduzida por Valérie Devillard, Marie-Françoise Lafosse e por nós. Christine Leteinturier, Rémy Rieffel e Denis Ruellan também participaram desta série de entrevistas. Que fique registrado nossos agradecimentos. Gostaríamos também de agradecer a colaboração da Commission de la carte d'identité professionnelle des journalistes, a assistência da Direction du développement des médias (DDM) e a todos os jornalistas que tiveram a gentileza de responder às nossas perguntas. Para desenvolvimentos mais específicos sobre os parágrafos seguintes, consultar Marchetti; Ruellan, 2001, parte 2.

20 Os cinco principais veículos de mídia empregadores de jornalistas formados em escolas credenciadas são, em ordem, a imprensa diária regional (22,13%), a televisão regional (13,43%), a imprensa 'grande público' especializada (9,54%), a imprensa diária nacional (9,12%) e as estações de rádio nacionais (7,21%). Evidentemente, as vagas de emprego variam muito de um curso para outro (Devillard et al., Parte 2, capítulo V).

em nível de especialização[21]). Assim, a passagem por um Instituto de Estudos Políticos (IEP) ou por formações universitárias que são, há várias décadas, vias tradicionais de recrutamento de jornalistas (história, direito e letras) é, *a priori,* uma prova de competência para muitos empregadores. Esses "generalistas" com níveis de estudos superiores aos de seus antecessores também são procurados pelos veículos de mídia especializados, especialmente aqueles que se destinam ao "grande público". Em outras palavras, o conhecimento da área a ser coberta é, em um certo número de casos, secundário em comparação com a capacidade de poder tratar todos os assuntos.

Mas essa evolução não deve dissimular outra muito mais importante, o fortalecimento do polo especializado do campo jornalístico, como mostra o peso cada vez maior da imprensa periódica especializada (grande público, técnica e profissional) que emprega 32,7% de jornalistas com carteira profissional. Essa transformação reforça a crítica que é feita à idéia da unidade do grupo profissional e aos discursos de jornalistas ou pesquisadores que pressupõem que os jornalistas estão se dirigindo a uma audiência no singular. Três indicadores permitem especificar esse desenvolvimento do jornalismo especializado: o desenvolvimento de mercados cada vez mais especializados da imprensa e, de forma mais ampla, das mídias, com o surgimento dos veículos audiovisuais temáticos, o recrutamento crescente de profissionais especializados em rubricas dos veículos generalistas (social, economia, ciência, medicina, etc.) e as mudanças que afetaram a oferta de formação. Por um lado, os cursos de jornalismo, credenciados ou não, criaram formações ou opções temáticas (ciência[22], agricultura, esporte, economia, assuntos europeus, por exemplo) e, por outro, emergiram cursos universitários em jornalismo ou mais amplamente em comunicação (DESS, DU, cursos específicos nas escolas de jornalismo, IUT ou IUP, por exemplo) nas mesmas áreas[23]. A elevação geral do nível de estudos é particularmente forte em certos domínios como economia,

21 N.T. No original: "bac plus trois ou quatre".

22 Após as experiências americanas, várias formações semelhantes se desenvolveram em vários países europeus, mas parecem reunir grupos muito restritos, Labasse, 1999.

23 N.T. Na França há uma diferenciação entre as universidades, que integram o sistema nacional de ensino público e, de outro, um conjunto de estabelecimentos de ensino que oferecem diplomas fora do sistema universitário propriamente dito, como as "escolas", que oferecem uma formação superior de elite, sobretudo aquelas que fazem parte do grupo seleto de "escolas credenciadas" ou "reconhecidas pela profissão". Historicamente, não foram as universidades as responsáveis por oferecer formações em jornalismo, por isso o autor faz a distinção entre "cursos de jornalismo" e "cursos universitários de jornalismo e comunicação", mais recentes. O DESS (Diplôme d'Études Supérieures Speecialisées) era um diploma superior de especialização, substituído pelo Master após a reforma Licence-Master-Doctorat que buscou harmonizar os sistemas de ensino superior na Europa na primeira metade dos anos 2000. O DU (Diplôme Universitaire) corresponde a uma modalidade específica de formação, e não se confunde com os diplomas nacionais de Licence, Master e Doctorat. IUT (Institut Universitaire de Technologie) e IUP (Institut Universitaire

ciência ou agricultura. Na imprensa e nas rubricas especializadas, não é incomum encontrar jornalistas que iniciaram ou concluíram um doutorado, habilitados para a docência[24] em diferentes disciplinas ou ainda engenheiros. Muitos veículos especializados recorrem a "experts" acima de tudo, e não a jornalistas "generalistas", porque são voltados para públicos profissionais e/ou especializados. Busca-se, portanto, não apenas um capital de conhecimentos especializados, mas também, eventualmente, uma "proximidade com o público leitor", conforme afirmou o chefe de redação de uma revista profissional.

Pelo menos três razões podem explicar o recrutamento de "especialistas". A primeira está relacionada ao fato de que as mídias cobrem cada vez mais atividades da vida social que não existiam antes sob esta forma ou simplesmente eram pouco - ou não eram - cobertas. A segunda é que, como em outras atividades sociais, o "o domínio dos assuntos"[25] sustenta a "credibilidade" dos jornalistas. A pesquisa de Jean-Gustave Padioleau com jornalistas que lidam com questões de educação na década de 1970[26] mostra que esses "jornalistas especialistas" podem ajudar a garantir uma relativa "credibilidade", tanto aos olhos de públicos específicos (as fontes) quanto mais gerais (os leitores). Essa dimensão é provavelmente ainda mais importante para as chefias de redação quando se trata de explicar assuntos percebidos como sensíveis e/ou que se tornam questões políticas importantes que exigem "domínio dos assuntos": a saúde, por exemplo. No entanto, essa especialização permanece muito relativa na medida em que, por exemplo, no caso da medicina ou da economia, formações generalistas nesse tipo de áreas de conhecimento não significam conhecimentos muito aprofundados, já que esses domínios são, eles mesmos, divididos em subespecialidades. Assim, um jornalista econômico "generalista" só pode ter um conhecimento muito parcial do jornalismo financeiro ou um conhecimento muito abstrato da economia "real" que ele deverá cobrir. Outras pesquisas destacaram que o recrutamento de especialistas era, às vezes, no caso da medicina por exemplo, uma condição de acesso privilegiada para penetrar certos universos sociais. A terceira razão para a magnitude desse movimento de especialização provavelmente também decorre do desenvolvimento do jornalismo de serviços ou do jornalismo prático, que, por motivos econômicos, assumiram espaços crescentes em diversos domínios: saúde, economia, educação, etc.

Professionnalisé - extinto com a reforma dos anos 2000) são estabelecimentos de ensino técnico e profissionalizante.

24 N.T. No original: "agrégé".

25 N.T. No original: "connaissance des dossiers".

26 1976, p. 267.

IDENTIDADES CLIVADAS

Essas transformações morfológicas não deixam de exacerbar debates identitários recorrentes dentro do *milieu* sobre as definições de excelência jornalística. Os jornalistas especializados são frequentemente alvo de críticas internas destinadas a estigmatizar sua "conivência ou proximidade" com "as fontes" e a mostrar que não seriam mais jornalistas, mas, antes, porta-vozes do espaço social sobre o qual falam: os jornalistas políticos ou aqueles que cobrem questões "sociais" ou "de imigração" são às vezes vistos como "ativistas" e os jornalistas esportivos como "torcedores". Os "especialistas" teriam, portanto, uma visão estreita, parcial, tendenciosa ou demasiadamente técnica, ou seja, estariam mais inclinados a acentuar a continuidade do que as inovações espetaculares.

Em outras palavras, a idéia desenvolvida pelos jornalistas mais generalistas é que os jornalistas não precisam conhecer *a priori* o assunto com o qual estão lidando, e que as competências primordiais são as técnicas jornalísticas (disponibilidade, desenvoltura, rapidez, audácia, capacidade de ser o primeiro, independência em relação às fontes etc.). Para eles, elas são tanto mais importantes quanto sejam capazes de permitir explicar claramente os assuntos para públicos que têm pouco ou nenhum conhecimento acerca dos domínios cobertos. O que significa dizer que todo jornalista deve ser capaz, especialmente quando surge um evento importante, de lidar com qualquer assunto[27]. É por isso que os jornalistas especializados, principalmente aqueles que trabalham em veículos *omnibus*, estão, portanto, em um lugar intermediário entre "o especialista" e "o generalista", uma dupla posição encontrada a um só tempo nos discursos e nos públicos aos quais se dirigem. Eles precisam obter uma credibilidade de especialista diante de seus pares, principalmente da chefia de redação do veículo em que trabalham, mas também demonstrar as qualidades exigidas dos jornalistas em geral. Em outras palavras, eles são especialistas mas querem ser reconhecidos enquanto jornalistas "como os outros"[28]. Procuram falar ou escrever para um público amplo sem se desacreditar aos olhos de públicos especializados mais restritos.

A COMPARAÇÃO DAS PROPRIEDADES DOS SUBCAMPOS ESPECIALIZADOS DO JORNALISMO

27 Tuchman, 1978, p. 67. As entrevistas realizadas durante nossas pesquisas nos anos 90 confirmam os exemplos dados por esta autora.

28 Entre os jornalistas que lidam com questões esportivas, alguns querem, por esse motivo, definirem-se como "jornalistas de esporte" e não "jornalistas esportivos", Dargelos; Marchetti, 2000.

Uma vez delineado esse princípio de estruturação geral do universo jornalístico e suas evoluções recentes, é possível considerar um segundo nível de análise mais fino, ou seja, o estudo comparativo dos diferentes subespaços especializados. Eles têm uma autonomia muito relativa em relação ao campo jornalístico se os compararmos, por exemplo, com seus equivalentes no campo científico, as disciplinas[29]. A especialização jornalística obviamente não é comparável a essas especializações por diversas razões, por exemplo a ausência de um direito formal de entrada como a posse de um diploma. Embora existam em muitos casos associações, cursos de treinamento e veículos de mídia especializados, esses microcosmos são muito desigualmente estruturados e seu peso relativo é também bastante variável. Jeremy Tunstall, em uma contribuição pioneira (por seu objeto e sua abrangência) sobre jornalistas especializados de grandes veículos britânicos, delimitou muito bem esse campo no final da década de 1960, em particular pela caracterização de algumas especialidades. Ele mostrou como os condicionamentos, as carreiras e as experiências anteriores, os status atribuídos a uma especialidade e a maneira como os jornalistas conceberam seu papel variaram fortemente. Da mesma forma, destacou os diferentes papéis desempenhados por esse tipo de jornalistas: empregados por uma empresa de imprensa, jornalistas de campo especializados, concorrente-colega de outros especialistas nacionais que cobrem o mesmo campo de atividade. Indo mais longe na sociologia relacional, buscamos então comparar diferentes especialidades para melhor elucidar suas lógicas próprias e suas propriedades específicas. Para fazer isso, utilizamos seis variáveis principais.

A POSIÇÃO DA ESPECIALIDADE DENTRO DAS HIERARQUIAS PROFISSIONAIS

A primeira propriedade a ser considerada em uma lógica comparativa é a posição da especialidade considerada dentro do campo jornalístico. Podemos mensurá-las a partir de dois conjuntos de indicadores, a lista apontada aqui não é exaustiva. Uma primeira série está ligada aos elementos biográficos dos profissionais. Por exemplo, um estudo preciso das trajetórias profissionais dos principais executivos das redações de jornais generalistas de circulação nacional poderia mostrar a primazia da rubrica política, já que a maioria deles provém desta última. Da mesma forma, reconstruir a pirâmide etária dos jornalistas especializados em um tema para compará-la com a de todos os jornalistas provavelmente revelaria a posição dominada, por exemplo, de certos especialistas ligados à editoria "infor-

29 Bourdieu, 2001a, p. 123-140.

mação geral" ou "sociedade" dos veículos nacionais, geralmente mais jovens que seus colegas dos departamentos prestigiosos de política interna ou externa.

A segunda série de indicadores é simultaneamente de ordem econômica e profissional. O espaço alocado, seja em tempo audiovisual ou em páginas escritas, o lugar na hierarquia de distribuição ou de publicação dos assuntos (em especial a presença na primeira página ou nas manchetes dos jornais), o orçamento atribuído, os salários e os status (a proporção de contratações permanentes, por tempo determinado ou *freelancers*, etc.[30]) dos jornalistas são elementos que permitem apreender a posição de uma especialidade. Mas seria um erro considerar esses indicadores sob um aspecto exclusivamente econômico. De fato, a análise deve combinar hierarquias internas, vinculadas ao prestígio profissional, e hierarquias externas, ligadas a lógicas sociais, econômicas e até políticas[31]. É assim que certas especialidades, relativamente rebaixadas em termos de reputação profissional, como esportes ou os *faits divers*, podem ser estratégicas porque contribuem fortemente para as receitas (circulação, publicidade, classificados) de um determinado veículo (uma estação de rádio periférica, um jornal diário regional, etc.), porque têm como alvo um público amplo ou públicos considerados estratégicos (indivíduos com alto poder de compra, os "jovens" etc.). Assim pode-se compreender melhor, por exemplo, a importância do número de jornalistas esportivos na França (cerca de 2.600 em 2001[32]), que representam mais de 8% de todos os jornalistas titulares da carta de imprensa[33]. Inversamente, a política externa e interna, embora tendam a gerar menos publicidade do que outras categorias (economia empresarial, esporte, etc.), ocupa uma alta posição dentro da produção jornalística dominante dos veículos generalistas. Ao distinguir as especialidades que trazem audiência ("*circulation goal*"), publicidade ("*advertising goal*"), ambas ao mesmo tempo ("*mixed goal*") ou ainda aquelas que angariam mais prestígio ("*non-revenue*" ou "*prestige goal*[34]"), Jeremy Tunstall mostrou bem que as especialidades não cumprem os mesmos objetivos.

---

30 N.T. No original: "part des CDI, CDD, pigistes, etc."

31 Sobre a convergência em um dado momento de algumas dessas lógicas, referir-se o trabalho de Juhem (1999), que mostra como a atenção atribuída pela imprensa classificada à esquerda na década de 1980 ao movimento SOS-Racismo deve muito à proximidade ideológica entre os fundadores e os líderes de certos títulos (em sua luta contra a Frente Nacional em particular), com interesses econômicos (atrair "jovens") e profissionais ("um produto militante capaz de combinar informações e entretenimento") desses títulos.

32 "Un nouveau président pour l'Association des journalistes sportifs", Agence France Presse, 10 de novembro de 2001.

33 N.T. A carta de imprensa (carte de presse) corresponde, grosso modo, ao MTB no Brasil.

34 Veja Tunstall, 1971. Em um de seus trabalhos mais recentes, Tunstall, 1996, p. 156-161, há uma atualização dessas análises, ou seja, das transformações dentro das diferentes rubricas.

A importância das hierarquias internas é particularmente visível à ocasião de grandes eventos que, devido à sua magnitude, suscitam uma concorrência entre rubricas e editorias. Em um trabalho sobre a midiatização do caso de sangue contaminado[35], mostramos que quanto mais o evento se tornava importante, mais os detentores de uma rubrica médica tendiam a ser desapropriados da cobertura em benefício de "generalistas", especialistas forenses e principalmente jornalistas e editorialistas políticos. Evidentemente, essas hierarquias têm efeitos muito concretos sobre a produção jornalística. Tudo isso sugere que quanto menos a rubrica for considerada estratégica dentro da hierarquia interna, mais ela será autônoma em relação à chefia de redação quanto às escolhas de assuntos, hierarquias, "ângulos" e até modos de escrita. É o caso das rubricas esportivas dos jornais diários nacionais de informações gerais situados no polo intelectual (*Le Monde*, *Libération*, por exemplo[36]). Também podemos construir a hipótese de que as formas de escrita são provavelmente menos "padronizadas" em rubricas culturais[37] do que em rubricas políticas ou judiciais, onde às vezes são bastante controladas. As primeiras geralmente chegam ao final de um jornal impresso ou audiovisual. Da mesma forma, como jornalistas especializados têm propriedades diferentes e, portanto, diferentes categorias de percepção de um mesmo evento, o tratamento jornalístico será por vezes significativamente diferente em função dos especialistas mobilizados[38].

Mas a comparação das duas séries de indicadores destinadas a especificar a posição de uma especialidade nas hierarquias profissionais apresenta um interesse limitado se não levar em consideração as variações dessa posição ao longo do tempo e de acordo com as redações. Com efeito, ela não é fixa. Ainda que, historicamente, certas oposições em termos de prestígio interno permaneçam muito significativas entre rubricas rebaixadas - como os *faits diver*s - e valorizadas - como jornalismo editorial e político - as hierarquias foram profundamente alteradas pelo surgimento e desenvolvimento de novas especialidades. Sandrine Lévêque mostrou, por exemplo, como a rubrica "Social" foi transformada[39], mas poder-se-ia também analisar a maneira pela qual ela foi gradualmente reduzida em benefício

35 Marchetti, 1997, 2ª parte, capítulo 2.
36 Ver também, sobre esse fenômeno, o artigo de Olivier Baisnée (2002) sobre correspondentes franceses e britânicos que cobrem as notícias de instituições europeias em Bruxelas.
37 Seria preciso ilustrar essas diferenças, por exemplo, a partir de retratos publicados na imprensa. Ao passo que um jornalista cultural de um grande jornal diário é autorizado a usar adjetivos hagiográficos para descrever um grande costureiro ou diretor artístico, seu homólogo jornalista político seria acusado de ser um ativista se o fizesse. Isto seria, aliás, impensável.
38 Marchetti, 1997, 2ª parte, capítulo 2.
39 Leveque, 2000.

da economia ou da rubrica política, para o desgosto de certos profissionais[40]. Rémi Lenoir[41] explicou como o desenvolvimento do "jornalismo investigativo" a partir da década de 1980 contribuiu para desvalorizar a crônica judicial, anteriormente considerada uma das rubricas mais nobres do jornalismo. Outras especialidades, como a religião, tratada de maneira mais pontual e menos continuada, críticas teatrais e literárias ou ainda o jornalismo internacional ocupam hoje posições mais baixas do que no campo jornalístico das décadas de 1950 a 1970, como demonstra o enfraquecimento do interesse por parte dos veículos generalistas. No sentido inverso, as rubricas econômicas, por exemplo, conquistaram uma posição mais forte, com a vantagem de atrair diferentes tipos de públicos e anunciantes estratégicos. Dados diversos como os altos salários dos jornalistas econômicos, a existência de setores especializados dentro desta área ou a ascensão desse tipo de profissional entre os executivos-gerentes são sinais que tendem a corroborar o aumento do poder dessa especialidade.

O segundo elemento determinante para a comparação é a variação dessas hierarquias em função das redações. Com efeito, cada redação é ao mesmo tempo um campo de forças e de lutas entre as rubricas e suas assinaturas, o que significa que uma mesma rubrica não ocupa necessariamente o mesmo lugar nos diferentes veículos de comunicação. Em um estudo publicado no início da década de 1970, Alain Carof mostrou, por exemplo, a importância da rubrica agrícola no *Ouest-France*, dada a importância do público leitor camponês. Resulta também que o peso relativo de cada rubrica (e das subespecialidades) está vinculado aos tipos de audiência do veículo considerado. É isso que permite compreender, por exemplo, que uma rubrica como o esporte não tem o mesmo peso em um jornal diário regional e/ou nacional cujo público é popular em comparação com um jornal diário nacional como o *Le Monde*.

O PESO DIFERENCIAL DOS VEÍCULOS NA PRODUÇÃO DA INFORMAÇÃO ESPECIALIZADA

Além da posição das especialidades dentro das hierarquias internas, a estruturação de subespaços especializados é uma segunda variável essencial no trabalho comparativo[42]. Estes giram mais ou menos em torno de dois polos que já mencionamos: intelectual/comercial, generalista/especializado. No caso da especialização

40 Nos referimos, aqui, a vários testemunhos de jornalistas: ver CNESSS, 1984, p. 15; Boutros; Tincq, 1974, p. 77

41 Lenoir, 1992 et 1997.

42 Um exemplo particularmente exitoso desse tipo de construção pode ser encontrado nos trabalhos de Duval, 1998 e 2000.

"mídias e comunicação", nota-se claramente como são distintos os veículos mais próximos do polo intelectual (*Le Monde*, *Libération*, *Télérama* etc.) e aqueles que encarnam um polo mais comercial (*Le Parisien- Aujourd'hui,* a imprensa diária regional, *Télé 7 Jours*, etc.). Da mesma forma, a cobertura jornalística difere quando desloca-se do polo dos veículos generalistas ao da imprensa especializada: enquanto as notícias esportivas[43] dos veículos generalistas nacionais tendem a se concentrar em alguns dos principais esportes profissionais (futebol, fórmula 1, tênis, rugby e boxe), ela é mais diversificada nos canais de televisão ou rádio que atribuem bastante espaço ao esporte e, obviamente, em um jornal esportivo como o *L'Equipe*. Também as relações de força entre os veículos próximos dos diferentes polos variam conforme os subuniversos especializados. Em alguns deles, como o espetáculo esportivo ou a economia, o peso relativo de alguns jornais diários (*L'Equipe*, *La Tribune* e *Les Echos*), publicações semanais ou revistas especializadas dentro da produção jornalística dominante tende a ser igual ou superior ao dos jornais diários generalistas. No sentido inverso, o jornalismo médico, a imprensa especializada destinada a públicos amplos ou a imprensa profissional ocupam uma posição dominada e muitas vezes desperta a ironia, até o desprezo, de especialistas das rubricas de grandes veículos nacionais de informação generalista e política. Nesta área, como em outras (política, educação, por exemplo), o diário *Le Monde* ocupa uma posição dominante.

Esse peso funcional dos diferentes meios de comunicação ou esse capital jornalístico pode ser mensurado por indicadores ligados, em primeiro lugar, à produção da informação em si: número de "exclusividades", taxa de republicação por pares, tamanho da equipe de jornalistas especializados, espaços redacionais dedicados ao tratamento dessas questões, mobilidade profissional dos jornalistas, ou seja, a mudança de suporte dentro da especialidade, etc. É, em seguida, baseado em parte na circulação. Por um lado, esta às vezes se refere a critérios de audiência puramente quantitativos: o peso dos canais de televisão na produção de informações políticas[44] e esportivas por meio de seus programas (retransmissões, debates, entrevistas em estúdio durante noticiários televisivos) é explicado pelo fato de que eles atingem potencialmente públicos muito amplos. Por outro lado, a circulação também se refere a critérios mais qualitativos, ou seja, o peso de um veículo pode ser dominante pois afeta públicos considerados estratégicos no *milieu* considerado. Novamente, essas hierarquias variam ao longo do tempo entre

43 As informações relacionadas ao jornalismo esportivo constantes deste parágrafo são extraídas de trabalhos realizados sobre o assunto: Dargelos; Marchetti, 1999; Marchetti, 1998.
44 Sobre essas transformações, referir-se ao trabalho de Champagne, 1991.

veículos estabelecidos e novos entrantes que logram parcialmente (*Libération*, por exemplo, no jornalismo político) ou não (o fracasso do jornal diário *Le Sport* no final dos anos 80) transformá-lo. Nesses diferentes subespaços, a *Agence France Presse* ocupa uma posição particular, na medida em que seu público é restrito a assinantes: organizações estatais e paraestatais, determinadas empresas privadas incluindo uma grande parcela das empresas de imprensa. Sua posição dominante na produção de informações *omnibus* deve-se, de fato, à sua circulação dentro do próprio campo jornalístico e à fiabilidade das informações que ela difunde.

O GRAU E AS FORMAS DE CONCORRÊNCIA OU DE COLABORAÇÃO

A comparação de subespaços especializados pode se apoiar em uma terceira variável, vinculada ao grau e às formas de competição (ou colaboração) entre jornalistas: em alguns desses microcosmos, a competição pela prioridade, por exemplo, isto é, para "dar" "informações exclusivas" tende a ser relativamente fraca, como nas rubricas "social" ou "educação"[45]; em outras, pode ser muito forte, devido à intensificação dos constrangimentos de ordem profissional e econômica, como as expectativas do público, reais ou supostas. No contexto de um trabalho sobre a cobertura de escândalos judiciais, buscamos destacar essa oposição por meio de uma comparação entre cronistas judiciais e "jornalistas investigativos"[46]. Ao passo que a cobertura de processos e das informações judiciais institucionais não é concorrencial, no que diz respeito ao acompanhamento da instrução de um processo é o oposto. Quando cobrem julgamentos, os cronistas judiciais geralmente têm acesso às mesmas informações, e ao mesmo tempo, de maneira que o furo jornalístico não é uma questão. As únicas informações exclusivas nessa área são divulgadas pelas agências de imprensa. A colaboração entre cronistas (conversas para discutir ângulos, interpretações etc.) é, inclusive, relativamente forte, similar à que Olivier Baisnée descreve a respeito dos correspondentes em Bruxelas no final dos anos 1990[47]. Conforme mostraram Jean Padioleau[48] e Jeremy Tunstall[49], essa grande colaboração pode ter vantagens profissionais significativas, em particular para responder às críticas das chefias de redação sobre possíveis "falhas". Inversamente, a competição, para não dizer conflito, caracteriza o subes-

45 Para ser mais preciso, trata-se simplesmente de uma tendência geral mas "furos de reportagem" nas especialidades "educação" ou "social" obviamente existem. Podemos citar, por exemplo, as entrevistas de personalidades, os relatórios, números oficiais ou os livros "revelados" exclusivamente.
46 Para desenvolvimentos mais específicos, consulte Marchetti, 2000.
47 Baisnée, 2002.
48 Padioleau, 1976, p. 261-262.
49 Tunstall, 1996, p. 158-159.

paço da "investigação" e o jornalismo médico. Obviamente, isso não exclui formas de colaboração entre grupos de jornalistas, às vezes institucionalizados na forma de "*pools*". Essas diferenças frequentemente podem ser explicadas pelas disputas econômicas e profissionais que são muito desigualmente estratégicas de um subespaço (e de um veículo) a outro, mas também podem o ser em parte em função da história dos grupos de jornalistas especializados e das relações com a fração do espaço social que é coberta[50].

Não é apenas o grau, mas também as formas de concorrência que podem variar nos diferentes microcosmos especializados. No espetáculo esportivo ou na música, por exemplo, ela é regulada, pelo menos no caso dos canais de televisão, por meio de transações econômicas no sentido estrito: os organizadores dos shows cobram sistematicamente pela exclusividade das imagens dos eventos mais importantes[51]. A assinatura de contratos, que visam garantir a exclusividade de uma entrevista (de fotos ou mesmo de artigos) de um ator de cinema, um cantor ou músico famoso, um herói da atualidade, um atleta de alto nível, etc. tende a ser menos raras em alguns espaços nacionais. Em outras palavras, o capital econômico dos veículos e dos jornalistas é decisivo na competição, o que explica o peso de grandes grupos na produção jornalística em determinados setores. Em outros campos estratégicos (os *faits divers* ou os "escândalos[52]", por exemplo) ou quando a concorrência diz respeito à imprensa escrita ou falada, ela não é, ou é pouco, objeto de transações econômicas no sentido estrito, ela é mais simbólica. Em outras palavras, é, sobretudo, a reputação profissional dos veículos ou dos jornalistas, e/ou seu capital de relações nos universos considerados, que lhes dão acesso à exclusividades.

A CIRCULAÇÃO DOS JORNALISTAS DENTRO DO MERCADO DE TRABALHO

Uma quarta interrogação pode ser levantada. Ela diz respeito à circulação de jornalistas especializados no mercado de trabalho. Enquanto alguns profissionais têm mobilidade essencialmente interna, no sentido de permanecerem em suportes de uma mesma especialidade ou em rubricas semelhantes, outros circulam no mercado de trabalho, passam de um veículo especializado para um generalista (ou vice-versa), ou até mudam de especialidade. Essas mobilidades fornecem um indicador do grau de "profissionalização" dos subespaços considerados. A taxa de rotatividade dos profissionais do jornalismo varia não apenas de acordo com o tipo

50 Sobre o exemplo do jornalismo médico, ver Champagne; Marchetti, 1994.
51 Evocamos aqui apenas a compra de imagens de grandes retransmissões, mas a concorrência obviamente não assume sistematicamente essa forma econômica.
52 N.T. No original: "affaires".

de empresa e as "políticas" em questão[53], mas também muito provavelmente de uma especialidade para outra. Os trabalhos sobre o jornalismo científico, médico, econômico e esportivo destacam o caráter relativamente fechado desses mercados, os jornalistas permanecendo principalmente no mesmo domínio, enquanto os jornalistas especializados ("social", "imigração", etc.) que trabalham nas editorias "Informações gerais" ou "Sociedade" dos veículos generalistas ficam por um curto período na mesma especialidade e impõe-se a eles que sejam "especialistas sucessivos", nas palavras de um editor-gerente de um jornal diário parisiense[54]. A mobilidade, às vezes considerada demasiadamente fraca, motiva debates recorrentes nas redações, muitos enfatizando os riscos de uma proximidade excessiva com as fontes ou da rotina, devido à longa permanência em determinados cargos por exemplo[55].

AS PROPRIEDADES DOS JORNALISTAS

Apesar do funcionamento desses subcampos também não poder ser compreendido sem que se considerem as propriedades dos produtores de informações especializadas, essa quinta variável infelizmente permanece amplamente desconhecida. A ausência desses dados nos números da Comissão da Carteira de Identidade dos Jornalistas Profissionais[56] e do INSEE[57] significa que não temos estatísticas confiáveis sobre o assunto nos anos 1990[58]. Elas seriam, no entanto, muito úteis para caracterizar não apenas as oposições entre as especialidades, mas também, dentro dessas especialidades, entre os veículos[59], as subespecialidades (as várias disciplinas do jornalismo esportivo, por exemplo) ou os gêneros jornalísticos.

Uma das primeiras séries de propriedades a serem estudadas seria as origens e as trajetórias sociais dos jornalistas especializados. Provavelmente encontraríamos diferenças a esse respeito: por exemplo, quanto mais nos movemos dos cronistas/colunistas (editorialistas, críticos de cinema, etc.) para os "*behind the scene specia-*

53 Marchetti; Ruellan, 2001, parte 2.
54 Entrevista, 2000.
55 A respeito dos jornalistas credenciados na prefeitura de Paris, veja HAEGEL, 1994, p. 164
56 N.T. Comission de la Carte d'Identité des Journalistes Professionnels (CCJIP).
57 N.T. Institut National de la Statistique et des Études Économiques (INSEE). Corresponde, grosso modo, ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no Brasil.
58 De fato, o CCIJP não leva em conta, em suas categorias, os diferentes tipos de jornalistas especializados. Quanto ao INSEE, não apenas a especialização não é considerada, mas os "jornalistas" estão dispersos em várias categorias.
59 Uma análise detalhada dos efeitos dessas propriedades pode ser encontrada no trabalho de Géraud Lafarge, 2001, p. 546-562, sobre jornalistas responsáveis por lidar com questões "excludentes". O autor descreve as diferenças entre títulos e dentro do mesmo título por meio de propriedades e disposições, detalhando trajetórias sociais, profissionais, políticas e educacionais.

lists[60]" ou dos "críticos-reflexão" para os "jornalistas de pura informação"[61], tanto mais altas devem ser as origens sociais. O exame da origem social também nos informaria a medida em que as propriedades de jornalistas de diferentes especialidades são homólogas às dos agentes dos campos cobertos por esses jornalistas. De forma mais ampla, são dados mais detalhados sobre as trajetórias sociais dos indivíduos que deveriam ser comparados. Podemos pensar, por exemplo, no engajamento político que, em outro estado do campo jornalístico, então dominado pela imprensa de opinião, podia constituir um dos modos de ingresso no *métier*. Para algumas parcelas das primeiras gerações de "jornalistas investigativos" das décadas de 1970 e 1980, a experiência anterior no ativismo de esquerda teve efeitos sobre o tratamento e o interesse concedido aos "escândalos político-financeiros". De forma similar, certas trajetórias sociais (e geográficas) dos pais podem ajudar a entender a ocupação de postos de correspondentes internacionais. Comparando correspondentes especializados em áreas geográficas e jornalistas "generalistas" das grandes empresas de mídia americanas, Stephen Hess mostra, por exemplo, que a probabilidade de ser casado com uma pessoa originária daquela região, de ter tido um vínculo com aquela região no passado e de ter uma competência linguística específica é mais forte nos primeiros do que nos segundos[62].

Uma segunda série de propriedades biográficas a considerar é o volume e a estrutura do capital cultural. Apesar de dispormos de dados estatísticos sobre o incremento do nível de diplomas, praticamente o único indicador de capital cultural, não é possível descrevê-lo de forma mais precisa de acordo com as especialidades. As trajetórias de autodidatas tendem a ser cada vez mais raras, inclusive no jornalismo esportivo, onde elas eram particularmente frequentes. As evoluções morfológicas do grupo de jornalistas esportivos tendem, com efeito, a aproximarem-se das dos profissionais que trabalham em outras rubricas. O nível de educação dos jornalistas esportivos, especialmente em veículos de maior prestígio, é cada vez mais elevado[63]. Conforme vimos a respeito de domínios que exigem conhecimentos menos práticos e mais acadêmicos como a ciência e a economia, os entrantes têm estudos cada vez mais longos, acima da média do conjunto da população. No caso da medicina, do esporte, mas também da justiça,

60 Tunstall, 1971, p. 74 e seguintes.
61 O trabalho de Sandrine Anglade, 1999, sobre o teatro francês no início do século XX opõe o jornalismo de pura informação, que ela chama de "crítica da informação, muitas vezes ameaçada pelo aspecto mercantil do teatro e que às vezes tende a se tornar um agente de publicidade" e a "crítica-reflexão, mais próxima dos criadores".
62 Hess In: Tunstall, 2001, p. 166-167.
63 Para uma análise mais detalhada, ver Dargelos; Marchetti, 2000, p. 78-82.

que recentemente estiveram entre as principais incubadoras de assuntos judiciais, a chegada de novas gerações de jornalistas mais qualificados pode ter contribuído, pelo menos em parte, para o aumento de um jornalismo mais crítico, representando uma ruptura com o dos antecessores.

A variável idade ou mais amplamente a experiência acumulada dentro da especialidade é uma terceira propriedade essencial no trabalho de comparação. Todos os trabalhos sobre jornalismo especializado mostraram como a chegada massiva de novas gerações de jornalistas em especialidades em pleno desenvolvimento ajudou a transformá-las. Seja a respeito de jornalistas sociais, econômicos, médicos ou até de correspondentes em Bruxelas, por exemplo, nota-se o desenvolvimento de estratégias de subversão dos novos entrantes que demonstram desejo de impor critérios mais "profissionais" e menos "militantes" em relação às gerações anteriores. Em algumas rubricas, como afirma Jeremy Tunstall[64] a respeito do esporte na Grã-Bretanha, são escolhidos alguns jornalistas muito jovens, os quais, assim se supõe, teriam mais afinidade com suas fontes. Obviamente, outras variáveis são decisivas e têm efeitos na produção de informações: por exemplo o status (estagiários, *freelancers*, contratos de duração determinada ou indeterminada, contratos de qualificação) ou o sexo.

A respeito apenas desse último exemplo, a crescente feminização dos jornalistas (24,5% em 1981, 34% em 1990 e 39% em 1999 contra 45% da população ativa) remete a realidades muito diferentes. Demonstrou-se, em primeiro lugar, como certas rubricas em expansão, como a saúde, constituíam um lugar de "eleição" para as novas entrantes, porque a saúde tende a ser um assunto mais "feminino" do que "masculino", contrariamente da ciência, da religião, do esporte, da economia ou da política, por exemplo. A divisão sexual das especialidades, portanto, refere-se em grande parte à dos consumidores de informação (as mais masculinas tendem a ser as mais lidas pelos homens e o mesmo vale para as mais femininas) ou aos *milieux* sociais cobertos. A aceleração do desenvolvimento, desde a década de 1980, da imprensa de revistas especializadas, institucional ou de determinadas rubricas contribuiu, portanto, para a feminização dos jornalistas franceses. Então, a super-representação das mulheres em certas especialidades funcionais (por exemplo, quase 59% dos secretárias de redação são mulheres) ou temáticas está ligada ao fato de corresponderem a posições baixas na hierarquia social das especialidades jornalísticas: elas são frequentemente associadas, como mostrou Erik Neveu[65],

64 Tunstall, 2001, p. 15.
65 Neveu, 2001, p. 24. Para uma análise mais detalhada da feminização do jornalismo e seus efeitos na produção de informação, consulte Neveu, 2000.

"à cobertura do social, ao cultural, ao prático, ao mundo das *soft news,* feitas de análise de tendências e comportamentos sociais, de dossiês, de informações utilitárias". Por último, a análise da variável sexo dos produtores de informação especializada deve ser relacionada com outras, como o tipo de veículo. É assim que a recente feminização massiva dos veículos audiovisuais, e em particular dos apresentadores de jornais de televisão ou rádio, também é explicada porque as vozes e/ou os critérios estéticos se tornaram determinantes no recrutamento, ainda que isso nunca seja nunca dito de forma muito explícita.

AS FORMAS DE SOCIALIZAÇÃO NO MICROCOSMO PROFISSIONAL

Uma das variáveis, sem dúvida a mais essencial da comparação - mesmo que seja provavelmente a menos visível para o sociólogo - é o processo de socialização no *milieu* profissional dos jornalistas, e principalmente em relação às leis de funcionamento do microcosmo especializado. Além das tendências gerais que parecem mostrar uma forte centralização em Paris dos locais onde a profissão é praticada e um enfraquecimento do "*compagnonnage*[66]" à antiga, com o crescente aumento dos constrangimentos econômicos, podemos apreender a socialização de jornalistas especializados pelo menos através dos diferentes locais de prática profissional (e, secundariamente, dos locais de residência) e das eventuais organizações profissionais existentes. De fato, o tipo de socialização varia de acordo com a importância diferencial dos locais de trabalho, sejam eles apenas os escritórios (dentro da redação ou localizado em uma instituição, ou ainda a domicílio), ou também locais de encontros regulares da atividade jornalística (sedes de associações, instituições, cafés, restaurantes, etc.).

Em alguns casos, esses locais estão situados em uma área geográfica muito restrita, e a proximidade com os locais de trabalho dos jornalistas (mas também, às vezes, com o domicílio) e com os de seus principais interlocutores é muito grande. É isso que mostram Sandrine Anglade (1999), em seu estudo sobre a comunidade teatral e seus críticos que trabalham para jornais e revistas parisienses no início do século XX, e Olivier Baisnée, quando ele analisa correspondentes em Bruxelas nos anos 1990[67]. Dito de outra forma, a atividade desses microcosmos é, nesses casos, um dado pelo menos tão importante quanto o das redações para entender os modos de socialização de jornalistas especializados. Essa característica é frequentemente encontrada em jornalistas que cobrem a atividade de instituições

66 N.T. O termo, colocado entre aspas no original, refere-se a uma modalidade de aprendizagem de um métier que repousa na transmissão de conhecimentos entre pares no interior de confrarias ou corporações.

67 Ver Baisnée, 2002.

nacionais ou internacionais, cujo principal local de trabalho não é a redação, mas a sede da instituição onde, às vezes, eles dispõem de um escritório.

Isso pode ser visto, por exemplo, no caso de cronistas judiciais que possuem uma sala que lhes é atribuída no Palácio de Justiça de Paris (ocupada principalmente por jornalistas que trabalham em agências de imprensa e têm escritórios fixos). Eles funcionam como "uma pequena família[68]" credenciada pela instituição, que se encontra frequentemente nos mesmos locais, sejam os corredores ou o restaurante do palácio[69], as salas de audiência ou até hotéis e restaurantes quando cobrem julgamentos fora da região de Paris. Nessas configurações, a socialização no *milieu* profissional, mas também em relação às principais fontes de informação, que é pelo menos tão importante quanto a primeira, ocorre através de reuniões regulares (associações existentes, coletivas de imprensa, etc.) e do "apadrinhamento" dos "novos" pelo "antigos". A assistência mútua é permanente nas discussões, principalmente à ocasião dos julgamentos em que repórteres-cronistas comunicam suas impressões, compartilham sons e imagens e relatam declarações. Sua associação especializada, herdeira da prestigiada Associação da imprensa judicial[70] criada em 1885, que administra, por exemplo, as credenciais para processos e as relações com instituições judiciais, também desempenha o papel de instância de socialização[71]. É nesses lugares que se concentra a maior parte do capital de relações dos jornalistas.

Em muitos outros casos, a socialização profissional é de outra ordem, porque ocorre sobretudo nas redações, pois é onde alguns jornalistas especializados passam a maior parte do seu tempo, ou em outros lugares. O segundo caso, provavelmente cada vez mais raro, refere-se a práticas de trabalho relativamente solitárias, ao estilo dos críticos literários à antiga, que passam pouco tempo nas redações e trabalham bastante em casa, ou *freelancers* especializados. Os especialistas em "investigação" também têm um trabalho relativamente solitário (ainda que esse tipo de investigação não exclua um trabalho conjunto dentro de uma mesma redação) se comparados com seus concorrentes, e não têm uma associação representativa. Os jornalistas *freelancers*, cada vez mais numerosos, particularmente nas agências de produção audiovisual e nas revistas, também trabalham de forma relativamente solitária, muitas vezes sem um local de

68 Entrevista, 1998.
69 N.T. No original: "la buvette du Palais".
70 N.T. No original: "Association de la presse judiciaire"
71 O Sindicato dos Jornalistas Esportivos Franceses (USJSF), que reúne um grande número de profissionais nessa especialidade, também parece desempenhar esse papel.

trabalho regular dentro de uma redação. No caso mais frequente, a socialização no mundo especializado é realizada concomitantemente em reuniões institucionais (reuniões de associações profissionais especializadas, coletivas de imprensa etc.), em manifestações em que os jornalistas se reúnem, mas também dentro da redação ao lado de outros especialistas em conferências de redação ou reuniões de serviço. Levar em consideração esses modos muito diferentes de socialização pode permitir descrever com mais precisão os processos de produção da informação e as concepções concorrentes do *métier*.

O ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE O CAMPO JORNALÍSTICO E OS OUTROS ESPAÇOS SOCIAIS

Mas a análise comparativa do funcionamento dos diferentes subcampos especializados não pode ser restringir apenas às lógicas internas do espaço jornalístico. Isto reforça, em primeiro lugar, os perigos do midiacentrismo[72], que isola esse universo de produção de bens culturais dos espaços com os quais está relacionado. Visto que os "poderes" das mídias são recorrentemente supervalorizados pelos protagonistas dos eventos midiáticos e a especialização da pesquisa em ciências sociais é crescente, o sociólogo pode ser tentado a enxergar a produção da informação como o produto apenas das lógicas específicas do campo jornalístico. Como mostraram as últimas pesquisas francesas sobre jornalismo político, econômico, judicial ou médico, o espaço midiático (ou pelo menos certas frações dele) é estratégico na medida em que pode produzir efeitos significativos sobre o funcionamento dos campos cobertos mas permanece relativamente pouco autônomo.

Em segundo lugar, o método comparativo revela a necessidade de romper com as expressões homogeneizantes que contemplam as relações entre "jornalistas e suas fontes de informação". Não apenas a noção de fonte frequentemente não é pensada em termos relacionais, assumindo-se que a informação flui apenas em uma direção, da fonte para o jornalista, mas o relacionamento entre jornalistas e seus informantes também é tratado com muita frequência em uma lógica interacionista muito restrita. Essas interações são, de fato, muitas vezes descritas como se fosse possível encontrar, nas próprias interações, o princípio das ações ou dos discursos dos indivíduos. Ignorando "as estruturas (ou relações objetivas) e as disposições (na maioria dos casos correlacionadas com a posição ocupada nessas estruturas[73])", esse tipo de método tende a esquecer que as interações entre jornalistas e seus

72 Um balanço muito preciso da literatura sobre esse tema pode ser encontrado em pelo menos dois trabalhos de Schlesinger, 1990, e 1995, capítulo 1.
73 Bourdieu, 2001, p. 46.

interlocutores são encontros entre habitus e posições dentro dos campos. Para dar apenas um exemplo esquemático, podemos notar a diferença que pode haver entre, de um lado, certos jornalistas especializados que, como os "jornalistas locais", têm contatos muito frequentes e regulares com os mesmos interlocutores e, de outro lado, correspondentes enviados especialmente no exterior ou jornalistas em geral que lidam com aquele assunto apenas muito pontualmente. É por isso que a maioria dos estudos franceses sobre jornalismo especializado nos convida a fazer a gênese conjunta do subespaço jornalístico, do campo de atividade considerado, mas também de seus relacionamentos. Por exemplo, Alain Carof[74] mostra claramente, no caso da informação agrícola coberta por *Ouest-France,* os estágios sucessivos da história conjunta do sindicalismo agrícola e do jornalismo agrícola.

A NECESSIDADE DE UMA SOCIOLOGIA RELACIONAL

Podemos apresentar cinco variáveis, cuja lista obviamente não é exaustiva, para analisar essas relações e, em particular, o grau de autonomia entre esses diferentes espaços. A primeira, provavelmente a mais óbvia e frequentemente a mais visível, é de ordem econômica. O grau de autonomia de um subcampo especializado pode ser medido pela interdependência de sua economia com a do espaço de atividade considerado. A proporção respectiva de auxílio estatal, das receitas de vendas, da publicidade (que pode ser muito alta em certos veículos e setores), o grau de concentração de eventuais anunciantes[75] são variáveis a serem levadas em consideração para aferir em que medida a economia de um setor de atividade no sentido estrito participa da economia dos veículos. Essas inter-relações nos diferentes setores da indústria cultural (edição, música, cinema, etc.) ou espetáculo esportivo são muito fortes. Às vezes, os veículos participam de maneira muito direta na economia desses campos de produção, porque contribuem para o desenvolvimento de um mercado para esses produtos, mas também porque alguns grandes grupos econômicos dominam cada vez mais os vários elos da produção e da difusão. O caso do esporte é particularmente exemplar nesse sentido, uma vez que os canais de televisão às vezes são partícipes da própria organização dos eventos ou, o que é mais frequente, porque pagam direitos de transmissão muito caros. A despeito da legislação francesa do "Direito à Informação", o acesso à informação audiovisual tende a ser, em algumas áreas, cada vez mais oneroso.

74 Carof, 1972, p. 90 e seguintes.
75 Bourdieu, 1997.

O grau de autonomia do subcampo especializado também se mensura por uma segunda variável que pode ser descrita como política, no sentido amplo. As condições de acesso à informação ou de controle relativo variam bastante em função dos universos sociais[76]. Alguns deles, como o campo judicial, científico, médico ou algumas frações do político (principalmente no domínio militar), exercem historicamente um controle relativamente forte de várias maneiras: o acesso aos locais é proibido ou sujeito à autorização (prisões, hospitais, locais de conflito em situação de guerra, por exemplo); a fala autorizada dos agentes está sujeita a várias formas de restrição, como descreveu, por exemplo, Rémi Lenoir (1994) a respeito dos magistrados. Ainda que todos os universos sociais cobertos pelos jornalistas especializados sejam campos de lutas, há um controle, mais ou menos forte, do processo de midiatização por certas instituições. Os universos mais autônomos, como o judiciário e o científico, foram levados a assimilar cada vez mais a maneira pela qual os veículos de mídia e, em particular, os jornalistas especializados, falam sobre suas atividades na medida em que estes contribuem para produzir imagens públicas, que têm efeitos reais e supostos sobre o público, mas também sobre o funcionamento dessas instituições. Vários autores descreveram precisamente o crescimento gradual dos serviços de comunicação ou a profissionalização das relações com a imprensa nos campos policial e judicial[77] ou político, por exemplo[78]. Em outras palavras, o estado das relações entre subespaços especializados do jornalismo e os setores sociais cobertos mudou consideravelmente dentro desse movimento, inclusive nos universos mais autônomos, ao passo que, em outros (esporte, política, etc.), elas faziam parte desde a origem de seu próprio funcionamento.

O grau de autonomia de um subespaço jornalístico especializado se mede, em terceiro lugar, pelo grau em que impõe ou não suas próprias lógicas em detrimento daquelas do universo considerado, ou seja, suas problemáticas, mas também seus princípios internos de hierarquização. Estudos que trabalham com as noções de *agenda-setting* ou de *framing* mostraram amplamente como os veículos de mídia participam da hierarquização e da definição de "problemas públicos". Ademais, os jornalistas compartilham muitas vezes um certo número de crenças comuns com seus interlocutores e contribuem para a consagração desses universos especializados, ou pelo menos de algumas de suas frações, consagrando-se ao mesmo

76 Análises sobre esse assunto podem ser encontradas em Ericson; Bnaranek; Chan, 1989.
77 Schlesinger; Tumber, 1995.
78 Por exemplo: Champagne, 1991; Legavre, 1992. Ver também a edição 98 (1999) de Réseaux, dedicada ao tema "Mídia, movimentos sociais, espaços públicos".

tempo[79]. Por exemplo, Julien Duval mostrou a que ponto a produção do espaço do jornalismo econômico é caudatária de "princípios de percepção vinculados ao campo econômico[80]", tanto mais quanto este último está cada vez mais sujeito a lógicas econômicas. A midiatização do "escândalo de sangue contaminado" no início dos anos 90 também evidenciou quanto as oposições entre jornalistas especializados em medicina de fato refratavam amplamente as dos pesquisadores especializados na doença[81]. Além disso, as categorias sociais de percepção dos jornalistas às vezes podem ser muito antagônicas entre os diferentes tipos de jornalistas especializados que lidam com o mesmo evento. Vimos isso quando os jornalistas políticos, que compartilhavam amplamente com os políticos uma visão relativamente estratégica, e até cínica do mundo político, usaram unicamente destes "óculos" para entender as lutas entre "intelectuais" durante o movimento social em dezembro 1995[82].

Como acabamos de ver, parece mais justo dizer que o campo jornalístico, através de seus diversos subespaços especializados, tende menos a impor suas próprias lógicas do que lógicas externas, especialmente econômico-políticas, dos campos sociais dos quais ele fala. No caso do sangue contaminado, ele ajudou a introduzir uma lógica externa ao funcionamento habitual do judiciário, porque os problemas não foram colocados em termos legais, mas em termos morais ou de opinião. O desenvolvimento de instruções paralelas e de "processos midiáticos" erigiram as mídias em "tribunal de opinião pública" cujos veredictos foram validados por perguntas e comentários de pesquisas de opinião. Da mesma forma, Pierre Bourdieu[83] mostrou, através de um estudo de um "*hit-parade*" de intelectuais proposto pela revista *Lire* em 1981, quanto o espaço jornalístico tentava impor a um campo restrito de produção, lugar de produção para produtores, normas de produção e de consumo dos produtos culturais contra os quais haviam se constituído. Essa transferência da técnica do "*hit-parade*", do "*ranking*", dos "prêmios" ou do "*best-seller*", anteriormente reservada à cozinha ou ao automóvel, está ocorrendo hoje em muitos setores (política, educação, justiça e saúde[84], por exemplo) e tende a introduzir, por extensão, novas formas de consagração e hierarquização[85].

---

79 Podemos ver claramente isso, especialmente no caso de jornalistas especializados que produzem entrevistas com políticos, líderes empresariais, pesquisadores, esportistas, etc.
80 Duval, 2000, p. 428.
81 Champagne; Marchetti, 1994.
82 Duval et al., 1998, p. 73-81
83 Bourdieu, 1984, anexo 3.
84 O trabalho de Pierru, 2002, mostra no caso da saúde a gênese desse tipo de lista de prêmios.
85 O campo jornalístico também produz efeitos de temporalidade sobre os outros universos sociais. O campo político é um dos mais expostos a esse constrangimento de um ciclo de produção

O fato é que esse "poder" é muito desigual e varia de acordo com os universos sociais e até dentro deles. Contrariando o senso comum, muitos estudos mostram que os jornalistas tendem em grande parte a consagrar os consagrados, especialmente no domínio político em que o peso das "fontes oficiais" é predominante[86]. Em contrapartida, nos universos mais heterônomos, eles ajudam a impor outras formas de consagração.

As relações que os subuniversos especializados do jornalismo entretêm com os diferentes espaços sociais que eles midiatizam devem finalmente levar em conta, essa é uma quarta variável, as características morfológicas dos agentes sociais. Em um certo número de espaços sociais pode haver uma forte proximidade, como no caso dos críticos de teatro do início do século até a década de 1930, que eram a um só tempo jornalistas e dramaturgos, que tinham atividades relacionadas à administração de teatros[87] ou, outro exemplo, a de jornalistas políticos-políticos, que mostra quão fracas são as fronteiras do campo jornalístico, apesar da luta sindical contra jornalistas "amadores". Hoje, esse tipo de multiposicionalidade é mais rara, ou menos visível. Não obstante, em certos universos, a transição do jornalismo especializado para uma profissão no campo de atividade especializado correspondente (ou vice-versa) está longe de ser excepcional. Para além das reconversões, no jornalismo, de ex-esportistas, analistas financeiros, professores etc., os dados coletados sobre os novos titulares da carteira profissional de jornalistas em 1990 e 1998 mostram que certas frações do campo jornalístico mantém relações estreitas com os espaços sociais correspondentes: por exemplo, a comunicação, a edição, a publicidade, a literatura ou a produção audiovisual no sentido amplo[88]. Às vezes, os agentes sociais se deslocam de um espaço a outro ou permanecem em um espaço intermediário. De forma mais geral, seria interessante investigar como esse conhecimento (ou falta de conhecimento) prático de certas atividades sociais e profissionais tem efeitos sobre as relações entre os jornalistas e seus interlocutores privilegiados nos diferentes universos sociais, ou seja, como eles impactam também o tratamento da informação.

---

muito curto. É por isso que os políticos às vezes se queixam de não ter controle suficiente sobre a agenda pública e de agirem sob "pressão midiática" ou da "opinião pública": exigindo medidas, intervenção para ajudar alguém, etc. Mas ainda não dispomos de trabalhos sobre esses eventuais efeitos em diferentes campos sociais.

86 Por exemplo, Darras, 1995, destacou a importância do capital político para explicar as lógicas de recrutamento de convidados para programas políticos na televisão francesa ("7 sur 7" e "L'heure de vérité") e demonstrou, em um estudo mais antigo, a proporção significativa de fontes oficiais nas informações divulgadas por dois grandes jornais diários americanos.

87 Anglade, 1999.

88 Devillard et al., 2001, parte III.

Em outras palavras, não são apenas as trajetórias profissionais, mas também as trajetórias acadêmicas e sociais que devem ser apreendidas se quisermos comparar a forma como as diferenças ou, inversamente, as semelhanças das propriedades permitem compreender as relações entre esses universos e a produção da informação. Conforme explica Tunstall[89], o estilo de vida de alguns jornalistas que frequentam mundos sociais aos quais não pertencem costuma ser mais alto do que seus salários permitem. O estudo dessas desigualdades das espécies e do volume de capital econômico, político ou cultural provavelmente permitiria compreender melhor, por exemplo, os fenômenos de fascinação-repulsa de jornalistas por políticos[90], líderes de grandes empresas ou mesmo atletas cuja renda é muito maior que a deles.

OS EFEITOS DAS TRANSFORMAÇÕES EXTERNAS

Mas, em termos mais gerais, é analisando as transformações dos campos considerados (e do espaço social) e suas relações que podemos compreender de forma mais completa as produções jornalísticas, principalmente nesses espaços mais especializados. Por exemplo, o crescimento da economia, da saúde ou dos assuntos político-financeiros nos veículos de mídia nacionais de informação geral e política é o produto do encontro entre transformações internas mas também externas ao campo jornalístico, como mostraram trabalhos franceses sobre o assunto. O espaço jornalístico apenas os refrata com suas próprias lógicas. Além dessas transformações estruturais que podem ter efeitos sobre a criação e o desenvolvimento de especialidades, as posições dessas especialidades no espaço jornalístico são, no que diz respeito a algumas delas, muito sensíveis às propriedades da conjuntura. Pois o jornalismo, como outros universos de produção (música ou moda, por exemplo), "se localiza no tempo curto dos bens simbólicos perecíveis", ou seja, atua "sistematicamente nas diferenças temporais, portanto na mudança[91]"; alguns eventos, em particular os políticos, contribuem por vezes para transformar provisoriamente ou permanentemente a posição de determinadas rubricas ou simplesmente seu conteúdo. Assim, como Philip Schlesinger[92] mostrou, a criação e/ou desenvolvimento de novas instituições e mudanças na legislação podem explicar o surgimento dos *legal affairs correspondents* nas mídias

89 Tunstall, 1971, p. 73.
90 Bourdieu, 2001b, p. 243
91 Bourdieu; Delsaut, 1975, p. 16.
92 Schlesinger, 1995, p. 147-148.

britânicas. Um jornalista da AFP[93] também contou como a "imigração" emergiu essencialmente como "problema público" através dos *faits divers*: "Durante anos tentamos publicar notas sobre imigrantes. Elas não eram publicadas em lugar algum e nos diziam: 'isso não vale nada... Você sabe...' Devo dizer que, infelizmente, houve um progresso: desde o dia em que imigrantes foram queimados em uma favela, tudo mudou, agora, os imigrantes, está 'feito' ...". Uma história recente das rubricas educação provavelmente também revelaria como uma escolha política, a prioridade do governo dada a esse tema nos dois mandatos de sete anos de François Mitterrand, pode ter ajudado a fortalecer as seções que tratam dessas questões durante esse período. A medida dessa sensibilidade às propriedades da conjuntura é particularmente visível na imprensa de revistas especializadas, a criação e o desaparecimento de títulos são fortemente vinculados a essas propriedades. As editorias "Sociedade" ou "Informações gerais" dos jornais também podem ser locais onde as especialidades são frequentemente redefinidas, dada a emergência de certos temas ao ritmo da atualidade[94].

Uma análise comparativa dos subespaços especializados que compõem o campo jornalístico, portanto, parece provavelmente ainda mais essencial hoje em dia, pois o que é facilmente chamado de "jornalismo", "imprensa" ou "mídias" refere-se a lógicas cada vez mais diversas em termos de produção e consumo. No entanto, seria um erro construir o estudo dos subcampos especializados de produção de informação como objetos autônomos e reiterar, ao mesmo tempo, as taxonomias dos próprios jornalistas. Logo, é necessário cruzar as lógicas específicas desses subcampos com lógicas externas: as lógicas das redações ou dos tipos de veículos de mídia que também constituem espaços relacionais, as do campo jornalístico como um todo e, finalmente, as dos espaços sociais que são midiatizados. Isto não poderia ser o objeto deste *work in progress*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anglade , Sandrine. "Des journalistes au théâtre. Identité professionnelle et espace parisien (1880-1930)", in Delporte, C., Médias et villes (XVIII*e-XXe siècle). Actes du colloque des 5 et 6 décembre 1997 tenu à l'Université François-Rabelais, Tours, CEHVI-l'Université François-Rabelais*, 1999.

93 Boutros; Tincq, 1974.
94 A respeito do caso da "exclusão" no começo dos anos 1990, referir-se ao capítulo 12 do trabalho de Géraud Lafarge (2001) para uma análise da emergência muito relativa dos jornalistas especializados.

Baisnée, Olivier. Les journalistes accredités auprès de l'union européenne: correspondants à l'étranger ou généralistes spécialisés?, *Réseaux*, 2002/1 (n· 111).

Bourdieu, Pierre; Delsaut, Yves. *Le couturier et sa griffe: contribution à une théorie de la magie*, *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 1, janvier, p. 7-36, 1975.

Bourdieu, Pierre. *La distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Editions de Minuit, 1979.

Bourdieu, Pierre. *Homo academicus*. Paris: Editions de Minuit, 1984.

Bourdieu, Pierre. L'emprise du journalisme, *Actes de la recherche en sciences sociales*, nº 101-102, p. 3-9, 1994.

Bourdieu, Pierre. *Science de la science et réflexivité*. Paris: Editions Raisons d'agir, 2001a.

Bourdieu, Pierre. *Langage et pouvoir symbolique*. Paris: Le Seuil, 2001b. collection Points.

Boutros, Edouard; Tincq, Henri. (org.). *L'information sociale et ses publics. Colloque de l'AJIS*. Paris: Thema Edition, 1974.

Carof, Alain. *La production de l'information agricole. L'exemple d'*Ouest-France. Paris, Centre de sociologie rurale, 1972.

CNESSS (Centre national d'études supérieures de Sécurité sociale). *L'information sociale en question*. Paris: Economica, 1984.

Champagne, Patrick. *Faire l'opinion. le nouveau jeu politique*. Paris: Editions de Minuit, 1991.

Champagne, Patrick; Marchetti, Dominique. L'information médicale sous contrainte. A propos du 'scandale du sang contaminé' , *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 101-102, mars, p. 40-62, 1994.

Charon, Jean-Émile; Furat, Claude. *Un secret si bien violé. La loi, le juge et le journaliste*. Paris: Le Seuil, 2000.

Dargelos, Bertrand; Marchetti, Dominique. Les 'professionnels' de l'information sportive. Entre exigences professionnelles et contraintes économiques, *Regards sociologiques*, n. 20, p. 67-87, 2000.

Darras, Éric. Le pouvoir 'médiacratique' ? Les logiques de recrutement des invités politiques à la télévision , *Politix*, n. 30, p. 183-198, 1995.

Devillard, Valérie; Lafosse, Marie.-Françoise; Leteinturier, Christine; Rieffel, Rémy. *Les journalistes français à l'aube de l'an 2000. Profils et parcours*. Paris: Panthéon-Assas, 2001.

Dumartin, Sylvie; Maillard, Céline. Le lectorat de la presse d'information générale, *INSEE Première*, n. 753, décembre, 2000.

Duval, Julien; Gaubert, Christophe; Lebaron, Frédéric; Marchetti, Dominique; Pavis, Fabienne. *Le décembre des intellectuels français*. Paris: Liber-Raisons d'agir, 1998.

Duval, Julien. Concessions et conversions à l'économie, *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 131-132, p. 56-75, 2000.

Duval, Julien. Un journalisme en expansion. Contribution à une sociologie du journalisme économique et des relations entre le champ économique et le champ journalistique. Tese (doutorado), EHESS, Paris, 2000.

Ericson, R.V; Baranek, P.M; Chan, J.B.L. (1987), *Vizualizing Deviance. A Study of News Organization*. Toronto, University of Toronto Press.

Ericson, R.V; Baranek, P.M; Chan,J.B.L. (1989), *Negotiating Control: A Study of News Sources*. Toronto, University of Toronto Press.

Haegel, Florence. *Un maire à Paris: mise en scène d'un nouveau rôle politique*. Paris: Presses de la FNSP, 1994.

Hess, Stephen. "The Culture of Foreign Correspondence". In: Tunstall, Jeeremy. *Media occupations and professions. A reade*r. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 162-169.

Juhem, Philippe. La participation des journalistes à l'émergence des mouvements sociaux: le cas de SOS-Racisme, *Réseaux*, n. 98, v. 17, p. 121-152, 1999.

Labasse, Bertrand. La médiation des connaissances scientifiques et techniques. *Rapport a la Direction Générale XII de la Commission Européenne*, Bruxelles, DG12, 1999.

Lafarge, Géraud. La production des discours sur « l'exclusion » en France des années 1970 aux années 1990: contribution à une sociologie des représentations en temps de crise. Tese (doutorado em sociologia), EHESS, Paris, 2001.

Legavre, Jean-Baptiste. *Off the record*. Mode d'emploi d'un instrument de communication, *Politix*, n. 19, p. 135-158, 1992.

Lenoir, Rémi. "Champ judiciaire et réforme de l'instruction". In: Delmas- Marty, Mireille. (org.), *Procès pénal et droits de l'homme. Vers une conscience européenne*. Paris: CREDHESS: PUF, 1992.

Lenoir, Rémi. La parole est aux juges. Crise de la magistrature et champ journalistique, *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 101-102, p. 77-84, 1994.

Lenoir, Rémi; Poilleux, Sylvie. *Justice et médias. Le secret de l'instruction et le droit au respect de la présomption d'innocence*. Paris: CREDHESS, Université de Paris I, 1997.

Leselbaum, Jean-Robert. Les journalistes économiques. Essai d'analyse sociologique d'une catégorie de professionnels de la vulgarisation, Paris, Doctorat de troisième cycle, Université Paris II, 1980.

Leveque, Sandrine. *Les journalistes sociaux. Histoire et sociologie d'une spécialité journalistique*. Paris: PUR, 2000. coll. « Res publica ».

Marchetti, Dominique. Contribution à une sociologie des transformations du champ journalistique dans les années 1980 et 1990. A propos d'« événements sida » et du «scandale du sang contaminé », Tese (doutorado em sociologia), EHESS, Paris, 1997.

Marchetti, Dominique. Le football professionnel saisi par les médias. Plan d'analyse des transformations du sous-champ du journalisme sportif français et de ses effets sur l'espace du football professionnel, *Sociétés & Représentations*, n. 7, p. 309-331, 1998.

Marchetti, Dominique. Les révélations du 'journalisme d'investigation', *Actes de la recherche en sciences sociales*, nº 131-132, p. 30-40, 2000.

Marchetti, Dominique; Ruellan, Denis. *Devenir journalistes. Sociologie de l'entrée dans le marché du travail*. Paris: Documentation française, 2001.

Neveu, Erik. "The Four Generation of Political Journalism." In Kuhn, Rayonf; Neveu, Erik. (eds), *Political Journalism*. Londres: Routledge, 2002.

Neveu, Erik. *Sociologie du journalisme*. Paris: La Découverte, 2001.

Padioleau, Jean-G., Systèmes d'interaction et rhétoriques journalistiques, *Sociologie du travail*, n. 3, p. 256-282, 1976.

Pierru, Frédéric. (2002), « La fabrique des palmarès hospitaliers. Genèse d'un secteur d'action publique, transformations du journalisme et renouvellement d'un genre journalistique ». In: Legavre, Jean-Baptiste (org.). *La presse écrite, un objet délaissé? Regards sur la presse écrite française*. Paris: L'Harmattan, 2002.

Rieffel, Rémy. *L'élite des journalistes*. Paris: PUF, 1984.

Schlesinger, Philip. Repenser la sociologie du journalisme. Les stratégies de la source d'information et le limites du média-centrisme, *Réseaux*, n. 51, p. 77-98, 1992.

Schlesinger, Philip; Tumber, Howard. *Reporting Crime. The Media Politics of Criminal Justice*. New York: Oxford University Press (paperback), 1995.

Tristani-Potteaux, Françoise. *Les journalistes scientifiques, médiateurs des savoirs*. Paris: Economica, 1997.

Tuchman, Gaye. *Making news. A study in the construction of reality*. New York: The Free Press, 1978.

Tunstall, Jeremy (ed). "Correspondents and Individual News Sources". In: *Media occupations and professions. A reade*r. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 144-152.

Tunstall, Jeremy. *Newspaper Power. The New National Press in Britain*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

Tunstall, Jeremy. *Journalists at Work*. Londres: Constable, 1971.

Recebido: 15/05/2020 | **Aprovado:** 04/11/2020